



EDITORA



UnB

# AS LICENCIATURAS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Avanços, desafios e perspectivas

Eloisa Pilati  
Marcelo Cigales





**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



**UnB**

# **As licenciaturas na Universidade de Brasília**

Avanços, desafios e perspectivas

Eloisa Pilati  
Marcelo Cigales

(organizadores)



	<b>Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais</b>
<b>Coordenação geral</b>	Thiago Affonso Silva de Almeida
<b>Consultor de produção editorial</b>	Percio Savio Romualdo Da Silva
<b>Coordenação de revisão</b>	Denise Pimenta de Oliveira Talita Guimarães Sales Ribeiro
<b>Coordenação de design</b>	Cláudia Barbosa Dias
<b>Revisão</b>	Julia Neves
<b>Diagramação</b>	Lislayne de Oliveira Gonçalves
<b>Foto de capa</b>	Secom/UnB

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
 Editora Universidade de Brasília  
 Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar  
 Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
 CEP: 70910-900  
 Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
 E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
 (Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

L698            As licenciaturas na Universidade de Brasília  
 [recurso eletrônico] : avanços, desafios e  
 perspectivas / Eloisa Pilati, Marcelo Cigales  
 (organizadores). – Brasília : Editora  
 Universidade de Brasília 2024.  
 173 p. – (Série Ensino de Graduação).

Formato PDF.  
 ISBN 978-65-5846-264-4.

1. Universidade de Brasília. 2. Professores -  
 Formação. I. Pilati, Eloisa (org.). II. Cigales,  
 Marcelo (org.). III. Série.

CDU 378.22 (817.4)

# Comitê científico e avaliador

---

**Antonio Alberto Brunetta**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Cristiano das Neves Bodart**

Universidade Federal de Alagoas

**Eloisa Pilati**

Universidade de Brasília

**Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva**

Universidade de Brasília

**Marcelo Cigales**

Universidade de Brasília

**Márcio José Rosa de Carvalho**

Universidade Federal do Norte do Tocantins

**Monica Okamoto**

Universidade Federal do Paraná

**Pedro Erginaldo Gontijo**

Universidade de Brasília

**Rodrigo Diego de Souza**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Sara Esther Dias Zarucki Tabac**

Universidade Federal de Alfenas



# Sumário

---

## **Prefácio 11**

Diêgo Madureira de Oliveira

## **Apresentação 13**

Marcelo Cigales e Eloisa Pilati

### Capítulo 1

## **As licenciaturas da UnB na visão da gestão Dapli/CIL: avanços e desafios 17**

Marcelo Cigales e Eloisa Pilati

### Capítulo 2

## **As licenciaturas na UnB: historicidade e a perspectiva da práxis na formação de professores 31**

Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva e Shirleide Pereira da Silva Cruz

### Capítulo 3

## **O lugar da formação de professores no contexto da pós-verdade 45**

Amurabi Oliveira

### Capítulo 4

## **A formação do professor de ciências e biologia na Universidade de Brasília: uma trajetória entre diretrizes, bacharelizações e a constituição da licenciatura 57**

Ana Júlia Pedreira, João Paulo Cunha de Menezes e Samuel Molina Schnorr

## Capítulo 5

### **O curso de licenciatura em ciências naturais da Universidade de Brasília: conquistas e desafios da formação de um profissional interdisciplinar 73**

Jeane Cristina Gomes Rotta, André Vitor Fernandes dos Santos e Delano Moody Simões da Silva

## Capítulo 6

### **Os 25 anos da licenciatura em língua e literatura japonesa na Universidade de Brasília 91**

Kimiko Uchigasaki Pinheiro, Yuko Takano e Yûki Mukai

## Capítulo 7

### **Formação de educadores(as) do campo em alternância na Universidade de Brasília 103**

João Batista Pereira de Queiroz e Felipe Canova Gonçalves

## Capítulo 8

### **Experiências e experimentações no Pibid Português 2020-2022 117**

Adriana de Fatima Alexandrino Lima Barbosa, Geovanna Helen Ribeiro Melo e Maria Rosália da Silva Rodrigues

## Capítulo 9

### **O programa de residência pedagógica 2020/2022 na Universidade de Brasília: aspectos gerais sob o olhar da coordenação 133**

Ana Júlia Pedreira

## Capítulo 10

### **Ensino por investigação na formação inicial de professores de ciências: a experiência do Programa de Residência Pedagógica na Universidade de Brasília 145**

Amanda Marina Andrade Medeiros e André Vitor Fernandes dos Santos

Capítulo 11

**Ações e perspectivas para as licenciaturas na Universidade de Brasília: uma entrevista com a reitora Márcia Abrahão 163**

Eloisa Pilati

Capítulo 12

**Considerações finais 167**

Eloisa Pilati e Marcelo Cigales

**Sobre a autoria desta coletânea 169**



# Experiências e experimentações no Pibid Português 2020-2022

---

Adriana de Fatima Alexandrino Lima Barbosa  
Geovanna Helen Ribeiro Melo  
Maria Rosália da Silva Rodrigues

*“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Paulo Freire).*

Neste artigo desenvolvemos um relato das experiências vividas no núcleo de Português da Universidade de Brasília (UnB) na edição 2020-2022 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Inicialmente, trazemos uma apresentação e uma contextualização do Pibid, em que comentamos as condições de realização das atividades devido à coincidência com o período inicial da pandemia de covid-19 e também identificamos a equipe do núcleo de Português e a escola-campo onde foram realizadas as atividades do nosso núcleo. A seguir, apresentamos as estratégias didáticas que foram desenvolvidas no contexto das aulas remotas, especialmente o incentivo ao diálogo em sala e à escrita do diário, a importância da organização e do planejamento do trabalho pedagógico na prática do ensino de leitura literária e os impactos provenientes da relação docente-discente.

O papel e a necessidade de valorização da educação nunca se mostraram tão urgentes quanto nos tempos em que estamos vivendo. Tempos em que a ignorância, a intolerância e o negacionismo histórico são estimulados em diferentes setores da nossa sociedade e, conseqüentemente, corroboram para a (re)produção das mais diversas violências. Diante dessa perspectiva nada otimista verificamos que o sucateamento da educação é uma realidade cruel.

Os constantes cortes de verbas e ataques às universidades e institutos federais brasileiros principalmente nos últimos quatro anos, revelam um projeto político específico de educação, que se caracteriza por seu caráter excludente, elitista e até mesmo antidemocrático, haja vista que a garantia do direito ao acesso de todos os cidadãos a uma educação pública de qualidade é ameaçada. Conforme apresentam Almeida *et al.* (2021), esses sucessivos cortes na universidade afetam diretamente os programas de pós-graduação, pesquisa, extensão e assistência estudantil, além da manutenção dos serviços como água, energia etc. Assim, o ensino e a sociedade também sofrem as consequências oriundas dessa ação.

Logo, a preocupação com a formação daqueles que formam é legítima, uma vez que o ensino ofertado nas universidades ecoa no processo de formação de estudantes tanto na educação superior quanto na básica. Levando em consideração que a universidade apresenta aos discentes o acesso ao conhecimento científico de uma maneira mais ampla, ao formar docentes espera-se que eles estejam preparados e habilitados a estimular uma formação crítica, consciente e humana.

Sendo assim, projetos voltados para a área da licenciatura, como a Residência Pedagógica e o Pibid, e programas ofertados pelo Ministério da Educação (MEC) em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que fazem parte da Política Nacional de Formação de Professores do MEC, são de extrema importância, pois reforçam a urgência e a necessidade de capacitar e estimular a formação de profissionais para estarem futuramente em sala de aula. Além disso, com a precarização da educação pública, o Pibid e a Residência Pedagógica exercem espaço de luta pela valorização profissional, pelo reconhecimento da profissão e pela atuação no campo (escola e sala de aula). Entretanto, o papel desses dois projetos não se encerra aí, pois há também a aproximação entre escola e universidade, ao se observar a supervisão compartilhada entre docentes, pesquisadores universitários e docentes da escola. A partir dessa aproximação e da troca que ela promove, é possível compreender as demandas sociais na escola e atuar especificamente sobre elas, com um esforço cooperativo reunido por universidades, escolas, docentes e licenciandos.

Nesse sentido, então, o Pibid visa o incentivo à formação de licenciandos com a experiência de regência em escolas públicas para que, quando graduados, haja comprometimento e vontade de atuar junto à rede pública de ensino. Destarte, o programa, além de possibilitar aliar as teorias estudadas com a prática no cotidiano escolar, enseja a experiência de trabalho com diferentes metodologias de ensino na experiência real no chão da escola. Em outubro de 2020, o núcleo de Língua Portuguesa da equipe do Pibid na UnB iniciou suas atividades. Destacamos que com o surgimento do vírus da covid-19, que culminou na pandemia vivida ao longo dos dois anos da realização do programa, o ensino, como um todo, foi afetado. Assim, as dificuldades e as desigualdades existentes na educação, mais especificamente na educação pública, foram evidenciadas em meio a esse novo cenário.

Problemas como a falta de acesso à internet, a computadores, a celulares e até mesmo a um ambiente de estudos adequado foram enfrentados por alunos nas cinco regiões

brasileiras. Os mais afetados por esses impasses que desnudam a desigualdade social presente no país possuem classe e raça bem definidas. Pesquisas realizadas ainda ao longo de 2021, tal como a do Plano CDE, empresa de pesquisa e consultoria de avaliação especializada nas famílias CDE no Brasil, e publicada pela Agência Brasil, mostram que os estudantes de famílias de baixa renda e os negros foram os mais prejudicados quanto aos impactos na educação provenientes da pandemia. Esses dados expõem o quão longe estamos de alcançar uma educação que de fato seja igualitária.

A equipe do Pibid Português 2020-2022 foi integrada por dez alunas do curso de Letras Português e sua respectiva Literatura, na habilitação de licenciatura, coordenada pela professora doutora Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, professora da UnB e doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e supervisionada pelo professor Pedro Henrique Couto Torres, doutor pela UnB e docente de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Brasília (IFB), *campus* São Sebastião, nossa escola-campo.

Desde o início do projeto, devido à pandemia da covid-19, todas as atividades realizadas foram feitas de forma remota, por meio das plataformas Google Meet e Microsoft Teams. Foi criada uma rotina semanal, quinzenal e mensal de estudos, debates e leituras para que todas as pibidianas estivessem amparadas e preparadas para estar em sala de aula. Dessa maneira, a formação das participantes do Pibid surgiu inserida em um contexto sanitário desafiante, que levou a mudanças na forma de concepção e de participação das aulas ministradas pelo professor supervisor de campo, Pedro Couto, a quem acompanhamos e com quem trabalhamos, e do registro realizado pelas pibidianas, além do aprendizado constante sobre a adaptação em mídias digitais para a educação.

O projeto desenvolvido exclusivamente no IFB *campus* São Sebastião, além de apresentar às futuras docentes a realidade do cotidiano da escola pública, permitiu a construção coletiva de estratégias de ensino voltadas para o trabalho com o ensino da língua e da literatura em sala de aula. Assim, o incentivo à prática docente ocorreu por meio de abordagens que enfatizam formas de conciliar a teoria aprendida na universidade com a prática, a partir da metodologia ativa de ensino, mas em um ambiente completamente diferente daquele ao qual os próprios professores do ensino básico estavam habituados: o ambiente virtual. Diversos desafios surgiram ao longo desse período, indo desde a evasão escolar até a busca por metodologias de ensino que reforçassem o sentido e a importância da educação, principalmente a literária.

## O incentivo ao diálogo e à escrita do diário

Sem desconsiderar a realidade imposta a muitos dos alunos do IFB, o professor Pedro Couto implementou alternativas para minimizar o problema que se instaurou naquele momento: a ausência e a falta de participação dos estudantes. Fez isso por meio da adoção de estratégias didáticas com o objetivo de que as alunas e os alunos participassem de modo mais ativo nas aulas de língua portuguesa, tais como: a) técnicas de ludicidade e

narrativização de conteúdos do currículo de língua portuguesa; b) proposições de perguntas e indagações que instigavam os discentes e também as pibidianas a participarem da aula; e c) incentivo à escrita do diário. Por trás da proposição de perguntas, podemos relembrao o livro de Paulo Freire e Antonio Faundez, *Por uma pedagogia da pergunta*.

ANTONIO – Penso, Paulo, que esse problema de ensinar ou de educar é fundamental e que, sem dúvida, relaciona-se ao que dizíamos antes: posições políticas bem determinadas em um mundo hierarquizado no qual os que detêm o poder detêm o saber, e ao professor a sociedade atual lhe oferece uma parte do saber e do poder. Este é um dos caminhos de reprodução da sociedade. Acho, então, que é profundamente democrático começar a aprender a perguntar. No ensino esqueceram-se das perguntas, tanto o professor como o aluno esqueceram-nas, e no meu entender todo conhecimento começa pela pergunta. Começa pelo que você, Paulo, chama de *curiosidade*. Mas a curiosidade é uma pergunta! Tenho a impressão (e não sei se você concorda comigo) de que hoje o ensino, o saber, é resposta e não pergunta.

PAULO – Exato, concordo contigo inteiramente! E isto que eu chamo de “castração da curiosidade”. O que está acontecendo é um movimento unilinear, vai de cá pra lá e acabou, não há volta, e nem sequer há uma demanda; o educador, de modo geral, já traz a resposta sem se lhe terem perguntado nada!

ANTONIO – Exatamente, e o mais grave, Paulo, é que o aluno se acostuma a esse tipo de trabalho e, então, o que o professor deveria ensinar – porque ele próprio deveria sabê-lo – seria, antes de tudo, *ensinar a perguntar*. Porque o início do conhecimento, repito, é *perguntar*. E somente a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas, e não o contrário: estabelecer as respostas, com o que todo o saber fica justamente nisso, já está dado, é um absoluto, não cede lugar à curiosidade nem a elementos por descobrir. O saber já está feito, este é o ensino. Agora eu diria: “a única maneira de ensinar é aprendendo”, e essa afirmação valeria tanto para o aluno como para o professor.

Não concebo que um professor possa ensinar sem que ele também esteja aprendendo; para que ele possa ensinar, é preciso que ele tenha de aprender (Freire; Faundez, 1998).

Destarte, é inegável a relação entre teoria e prática, ao entender que não se deve focar apenas na pergunta ou no ato de perguntar, mas também em realizar a ligação entre a pergunta e a resposta às ações que foram praticadas ou ações que podem vir a ser praticadas ou refeitas.

Eu não sei se fica claro o que digo. Parece-me fundamental esclarecer que a tua defesa e a minha, do ato de perguntar, de maneira nenhuma tornam a pergunta como um jogo intelectualista. Pelo contrário, o necessário é que o educando, ao perguntar sobre um fato, tenha na resposta uma explicação do fato e não a descrição pura das palavras ligadas ao fato. É preciso que o educando vá descobrindo a relação dinâmica, forte, viva, entre palavra e ação, entre palavra-ação-reflexão. Aproveitando-se, então, exemplos concretos da

própria experiência dos alunos durante uma manhã de trabalho dentro da escola, no caso de uma escola de crianças, estimulá-los a fazer perguntas em torno da sua própria prática e as respostas, então, envolveriam a ação que provocou a pergunta. Agir, falar e conhecer estariam juntos (Freire; Faundez, 1998).

A partir do momento em que iniciamos as nossas atividades de observação e regência, o professor supervisor nos orientou a escrever diários. A ideia era tomarmos nota dos principais tópicos trabalhados em aula, da metodologia usada pelo professor Pedro Couto, além das impressões pessoais causadas pelas intervenções dos alunos, assim como suas participações e de que forma poderíamos utilizar o material e o que foi aprendido em nossas futuras aulas. Desse modo, a estratégia da escrita dos diários deu impulso e destino para as reflexões produzidas também pelos diálogos em sala. Os diários, recordando a herança memorialística que subjaz ao seu gênero discursivo e histórico, foram a forma eleita para escrever – e a escrita também se tornou parte – (d)a experiência vivida nas aulas.

As impressões, os aprendizados, os afetos, as anedotas, as falas, os silêncios e a escuta compuseram material para reflexão e escrita, resultando em um material de formação docente, afinal. Além disso, os diários serviram como rememoração das aulas e registro para retrabalhar e adaptar tais aulas – e seus conteúdos – futuramente em nossa própria prática pedagógica, possibilitando, dessa maneira, a análise, a reflexão, a crítica e o aperfeiçoamento. Explorando um pouco mais a fundo os efeitos da escrita dos diários, entendemos que essa técnica nos proporcionou ampliar a reflexão sobre a prática docente e se constituiu como alternativa viável para fonte de (auto)análise das atividades realizadas e também das de planejamento futuro na prática docente.

Após as considerações sobre a importância do diário, apresentamos agora outros dois importantes aspectos de reflexão sobre nossa experiência no Pibid: a relevância da organização e do planejamento do trabalho pedagógico na prática do ensino de literatura e os impactos provenientes da relação docente-discente. Na sequência, trazemos algumas considerações a respeito da necessidade de adequar a metodologia utilizada aos diversos espaços da docência, pois com a pandemia da covid-19 foi necessário utilizar as ferramentas digitais como principal meio de ensino e, assim, novos desafios surgiram e o registro da rotina escolar no diário contribui para o acompanhamento do planejamento e a execução das aulas proporcionando uma análise crítica do que foi abordado. Por fim, na quinta e sexta partes evidenciamos os resultados do nosso estudo e apontamos a dimensão política da docência e pesquisa, reforçando, dessa maneira, a relevância da educação e das educadoras e educadores, principalmente dos docentes responsáveis pelo ensino de língua portuguesa.

## Organização do trabalho pedagógico e construção do material didático

O ensino do Português e da literatura permite aos estudantes o acesso a experiências que ampliam o seu modo de ver e de se perceber no mundo. Logo, verificamos que as diferentes manifestações da linguagem os atravessam a todo instante e, como construções sócio-históricas, estão sempre em transformação. Dessa forma, ao trabalhar o desenvolvimento da habilidade de compreensão e interpretação, possibilitamos uma reflexão que extrapola os limites do texto, permitindo, assim, uma interpretação da própria vida. Essa análise ajuda a nos tornarmos cientes do nosso papel enquanto indivíduos que convivem com outros socialmente. Essa percepção é de extrema relevância, pois, como aponta o educador Paulo Freire (2021, p. 53):

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é a de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da história.

Nesse sentido, identificamos na literatura uma via que permite visualizar, por meio de um processo mimético, diferentes sujeitos em múltiplos contextos e realidades, portanto, essa interação auxilia no reconhecimento e análise do eu. Assim sendo, percebemos a relevância e o impacto da linguagem em suas múltiplas formas de apresentação. A máxima “conhecimento é poder” é uma verdade inegável, entretanto, apenas conhecer não é o suficiente, pois é preciso criar condições para que os discentes possam de fato apropriar-se dessas diferentes possibilidades de expressão. Diante disso, ao incentivar a leitura bem como a escrita, estamos também, direta e indiretamente, estimulando a capacidade crítica e de criação intelectual e artística dos nossos estudantes.

O ensino de literatura na educação básica – e, especialmente, ensino médio – por vezes é deixado em segundo plano na disciplina de língua portuguesa: a literatura, suas formas e conteúdos seriam um apêndice de outros conhecimentos do currículo. Apoiamo-nos, teoricamente, na reflexão trazida no artigo “A literatura literária na escola: relato de uma experiência e reflexão socioeconômica”, de Couto *et al.* (2021), em que se colocam alguns dos problemas relativos à leitura literária no espaço de uma escola pública. Como ressaltam os autores:

“Ler” uma obra literária, como a escola muitas vezes propõe, é, paradoxalmente, renunciar à leitura em detrimento de algo supostamente a ela equiparável: a explicação. A explicação supõe que à obra corresponda uma identidade mimética, que traduza, sem mediações, a realidade. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, na chave da explicação é reduzido a um

romance que funciona como mostruário documental da sociedade brasileira oitocentista, seus valores, costumes e gentes (Couto *et al.*, 2021, p. 75).

Entendemos que o aprendizado da literatura e, conseqüentemente, sua apreciação passa por uma mediação pedagógica promovida pelo professor e a organização do trabalho pedagógico, para que, assim, haja um movimento de aproximação entre o sujeito e o objeto de conhecimento, no caso, a literatura. Segundo Leite e Higa (2011, p. 142):

Os indivíduos constituem-se como leitores a partir de uma história favorável de interação com a leitura e suas práticas sociais, por intermédio de diversos agentes mediadores; entre os quais, destaca-se, sem dúvida, o professor no seu trabalho pedagógico desenvolvido na escola (Leite; Higa, 2011, p. 142).

Nessa perspectiva, partimos da reflexão acerca das ferramentas utilizadas nas aulas de literatura do Pibid, como a produção audiovisual, o cinema e vídeos do YouTube, as intervenções poéticas realizadas nos encontros síncronos e a construção de diários para uma formação continuada mesmo após o fim do programa. Isso, entendendo-se que o processo de aprendizagem, a integração de dinâmicas sociocomunicativas, interativas e participativas possibilitem ao sujeito sua interação com o mundo e, conseqüentemente, a construção do conhecimento.

## Relação docente-discente

A relação entre docente e discente é extremamente importante para o desenvolvimento de um ambiente no qual os(as) estudantes se sintam convidados(as) a pensar e a participar junto na construção da aula e do conhecimento, estimulando-se, assim, a criatividade, o pensamento crítico e a liberdade da mente. Partindo da concepção freiriana de educação libertadora, a pensadora e educadora bell hooks observa que:

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo (hooks, 2013, p. 35).

Logo, além de buscar transformar o espaço de ensino-aprendizagem em um local acolhedor, o docente deve, a partir de sua prática, encontrar maneiras de desafiar constantemente os estudantes e, por sua vez, ao instigá-los, também desafiar-se a sair de sua zona de conforto. Assim, pensar, planejar e executar atividades que proporcionam esse mover das relações e do próprio do conhecimento, em uma perspectiva ampla e crítica, auxilia no desenvolvimento de uma educação emancipadora.

Com a pandemia, é evidente que a dinâmica da sala de aula foi modificada. O contato que o ensino presencial proporciona, e que ajuda tanto na comunicação quanto na construção de uma relação sólida entre os próprios alunos e entre alunos e professores, foi substituído por telas em que raramente era possível visualizar o rosto de quem estava por trás das câmeras. Essa mudança brusca alterou consideravelmente o fortalecimento dos vínculos, o ensino e a troca do conhecimento.

Dessa maneira, fica evidente que estar em um ambiente distinto daquele que é habitual e lidar com o inusitado assemelha-se a embarcar rumo ao desconhecido. Nesse caminho, as incertezas e as preocupações são inevitáveis, principalmente quando os recursos para dar uma aula com metodologias de ensino diferenciadas são limitados. Assim, tornar a aula *on-line* dinâmica e atrativa aos estudantes é um enorme desafio, haja vista que ela assume caráter altamente expositivo. Dessa forma, a ausência da aproximação entre professor e aluno dificulta, por exemplo, a identificação da recepção dos discentes a respeito do conteúdo ministrado. Isso ocorre devido à falta de participação na aula, que está ligada a fatores como a timidez dos estudantes ou até mesmo aos empecilhos causados pelos aparatos tecnológicos e fatores sociais.

Sabemos que o teor expositivo é um dos elementos estruturantes da aula *on-line*, meio pelo qual as aulas de literatura foram construídas durante os dois anos de projeto. Contudo, experienciamos na prática que é possível alterar, de certo modo, esse princípio aplicando diferentes estratégias de ensino. Logo, há caminhos que possibilitam a transformação de uma aula expositiva em aula dialogada, tornando-a mais dinâmica e atrativa aos estudantes. Um ponto importante que deve ser evidenciado é que não se pode romantizar esse modelo de ensino: do mesmo modo que nenhuma turma é igual a outra, as aulas assumem esse mesmo caráter, isso significa que é na prática, com nossos erros e acertos, que vamos aprendendo, ajustando e melhorando a preparação da sequência didática.

Na modalidade presencial, a abordagem predominantemente utilizada recusa a leitura e a análise das obras, ou seja, nessa perspectiva de ensino há apenas a apresentação de trechos selecionados, bem como a preferência ao estudo da história da literatura, como aponta o pesquisador e educador Rildo Cosson (2009). Essas dificuldades aumentam consideravelmente quando passamos ao ensino remoto, tendo em vista que os alunos enfrentam diferentes problemas ligados ao acesso às aulas e até mesmo às obras.

Os alunos do Instituto Federal de São Sebastião são residentes de uma área periférica do Distrito Federal. Esse fato é relevante para a compreensão da realidade, que nesse contexto pandêmico afeta diretamente os discentes acompanhados pelo Pibid de língua portuguesa. Na Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios realizada em 2018 pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), obteve-se o levantamento de que 26,5% dos domicílios possuíam microcomputador ou *desktop*, 38,8% dos domicílios possuíam *notebook* ou *laptop* e 18,9% dos domicílios possuíam *tablet*.

Tais dados são relevantes para a compreensão da realidade social da região administrativa e, conseqüentemente, dos alunos do Instituto Federal de São Sebastião em contexto de

pandemia, no qual os aparelhos tecnológicos e as ferramentas digitais como Google Meet, Google Classroom, foram os principais meios de difusão da educação. Mesmo o IFB contando com edital de apoio aos estudantes com maior vulnerabilidade social para oferecer-lhes *tablets* e *chips* com internet, a situação de acesso às tecnologias de informação foi difícil.

Sendo assim, a metodologia que vivenciamos foi fundamentada, principalmente, a partir da concepção de educação libertadora e, sobretudo, transformadora de Paulo Freire e pela abordagem literária de Antonio Candido, em *O direito à literatura*, ensaio no qual o crítico ressalta a importância da literatura como necessidade indispensável às pessoas, como direito humano. Nessa perspectiva, o paradoxo mais produtivo sobre a teoria da leitura é – como aponta Michèle Petit (2013) – o daquela complexa relação que transita entre espaço íntimo e espaço público: ler na intimidade e, dialeticamente, produzi-la em confronto com a coletividade e o público. É, portanto, no âmbito da escola pública que concorrem os afetos e significados vários que impregnam a atividade de leitura ligada à experiência escolar. Nesse sentido, voltamos a mencionar a importância dos diários referenciados no item 1, por estarem no meio do caminho entre a reflexão íntima, subjetiva, que se plasma, como também podendo dizer: escrever entre o íntimo e o público.

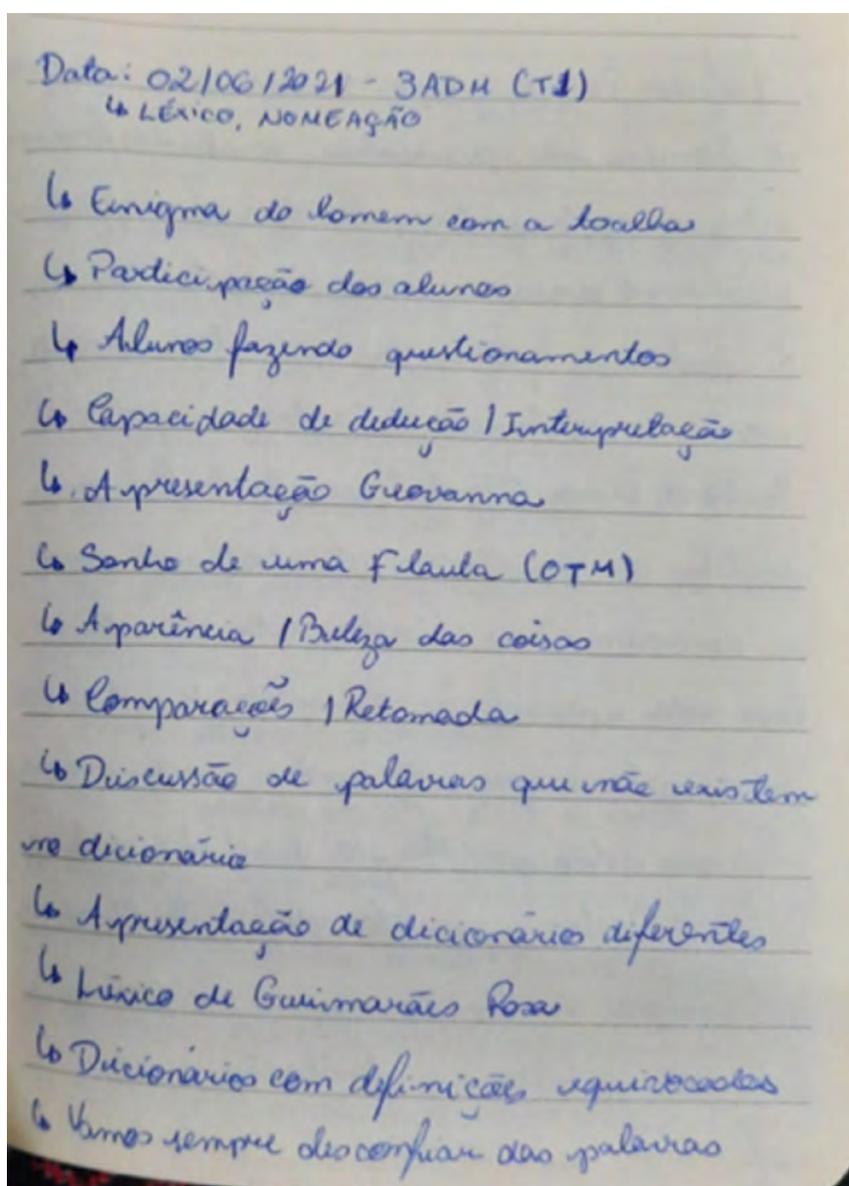
A pesquisa dos diários pibidianos é qualitativa, ou seja, há a argumentação dos resultados do estudo por meio de análises e percepções. A partir de questionamentos, buscamos a compreensão da trajetória que nos levou ao problema, utilizando a abordagem do estudo de caso para a tentativa de resposta das perguntas: “como dar aula de Português em um contexto pandêmico?” e “por que dar aula de Português em um contexto pandêmico?”. A partir das observações e registros nos diários, foi possível contemplar os passos realizados pelo professor supervisor e por nós, pibidianas, ao longo da regência de aulas. Assim, houve uma compreensão do caminho desenvolvido e sobre como é possível realizar a aplicação dos métodos utilizados em sala de aula, de maneira presencial, remota ou híbrida. Enquanto gênero textual, o diário é caracterizado por seu caráter pessoal, conseqüentemente, as anotações individuais, além de assegurarem o registro das sequências didáticas elaboradas pelo professor, permitem também a adição das experiências vivenciadas e as impressões de cada participante no cotidiano das aulas.

## Relembrando momentos inesquecíveis

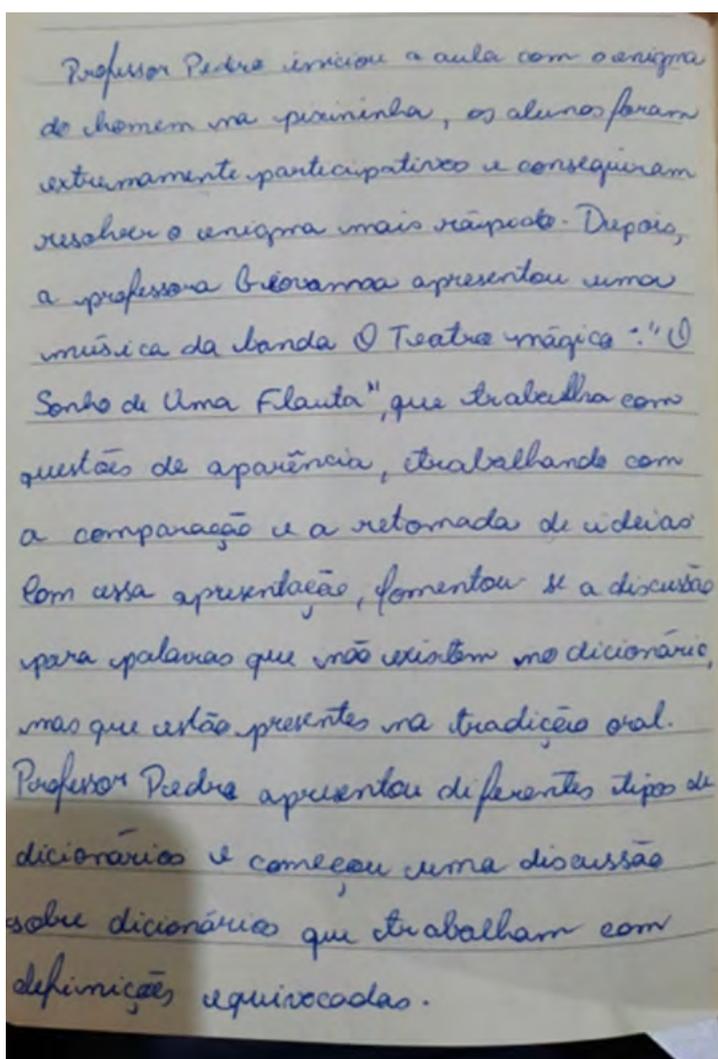
A partir da construção dos diários e da reflexão acerca das ferramentas utilizadas, foi possível responder às perguntas: “como dar aula de Português em um contexto pandêmico?” e “por que dar aula de Português em um contexto pandêmico?”. Com as observações e anotações das sequências didáticas feitas pelo professor preceptor em diferentes assuntos dentro do campo da gramática, da literatura e redação, constatamos que o caminho para a realização de uma aula de língua portuguesa em um contexto atípico como o da pandemia de covid-19 se dá na interação com os alunos, com a necessidade de instigá-los, a começar com uma pergunta ou um mistério a ser resolvido.

Como exemplo, do uso produtivo de enigmas na aula. Seleccionamos uma sequência ocorrida em 2021, em que, a partir da imagem de um homem numa piscininha com um pato de borracha, os alunos tinham que desvendar o mistério, ou seja, a turma precisava encontrar uma explicação lógica sobre aquela situação. Com a apresentação desse cenário os estudantes são motivados, por meio de perguntas, a dar palpites quanto ao que aconteceu com esse homem, trabalhando a capacidade de dedução e interpretação de textos e fatos. A seguir temos as Figuras 1 e 2, que são registros dessa aula específica feita por uma das pibidianas. Por meio da sua escrita observamos o modo como a aula foi planejada. Além de descrever a construção e a condução da aula, a futura docente separou em tópicos pontos relevantes sob seu ponto de vista.

**Figura 1** – Aula 02/06/2021 – 3ADM (T1)



Fonte: Acervo das autoras (2021)

**Figura 2** – Aula 02/06/2021 – 3ADM (T1)


Professor Pedro iniciou a aula com o enigma de homem na puxincha, os alunos foram extremamente participativos e conseguiram resolver o enigma mais rápido. Depois, a professora Giovanna apresentou uma música da banda O Teatro Mágico: "O Sonho de Uma Flauta", que trabalha com questões de aparência, trabalhando com a comparação e a retomada de ideias. Com essa apresentação, fomentou-se a discussão para palavras que não existem no dicionário, mas que estão presentes na tradição oral. Professor Pedro apresentou diferentes tipos de dicionários e começou uma discussão sobre dicionários que trabalham com definições equivocadas.

Fonte: Acervo das autoras (2021)

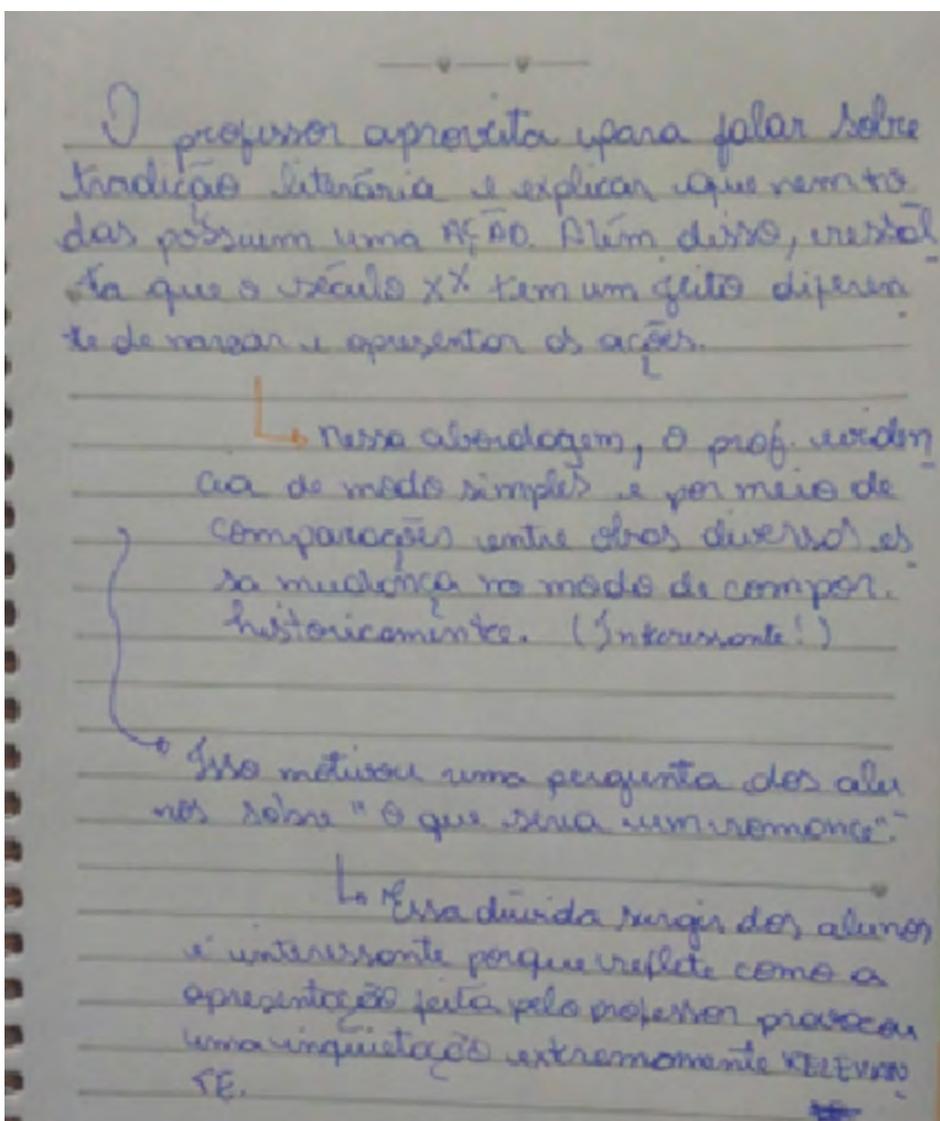
Ademais, com base nas anotações, percebemos que a aula não foi centrada exclusivamente na interpretação e na resolução do enigma. Outros pontos foram trabalhados, por exemplo, a reflexão a respeito do significado das palavras, a função e a apresentação de diferentes dicionários existentes. Esse ponto foi desenvolvido a partir de uma interferência poética realizada por outra pibidiana, que apresentou à turma a canção "Sonho de uma flauta", do grupo Teatro Mágico.

As interferências poéticas na aula de língua portuguesa eram momentos reservados exclusivamente para apresentação, leitura coletiva e análise de poemas ou canções. As pibidianas eram responsáveis por conduzir esse momento, que proporcionou aos discentes o contato com diferentes autoras e autores, bem como compositores brasileiros, indo desde o cânone ao contemporâneo. Destacamos que a poesia aqui encarada como a "[...] destilação reveladora da experiência" (Lorde, 2019, p. 46), presente em cada poema e canção

escolhida, propiciou o desenvolvimento, em um primeiro momento, de reflexões variadas, tal qual a necessidade de lidarmos com as consequências das nossas escolhas bem como o significado das palavras. Na tentativa de abranger e explorar tanto as representações orais quanto as escritas, nomes como Cecília Meireles, Meimei Bastos, Frejat e Teatro Mágico foram selecionados para a realização das atividades.

Além disso, aproveitamos para destacar outro exemplo de sequência didática realizada. Selecionamos dessa vez uma aula ministrada no primeiro ano de Pibid. Na Figura 3 é possível acompanhar um trecho do registro de uma aula dada em dezembro de 2020. É importante lembrar que, durante esse período, os alunos ainda estavam em aulas remotas e não havia vacinas disponíveis para a população. O cansaço e a incerteza permaneciam presentes.

**Figura 3** – Aula 21/12/2020 – 3SEC



Fonte: Acervo das autoras (2021)

Assim, buscando uma espécie de leveza, a proposta dessa aula era, por meio de um *quiz*, apresentar algumas informações a respeito da vida e da obra de Clarice Lispector, tendo em vista que em 2020 foi comemorado o centenário da escritora. Clarice recebeu um grande destaque nessa aula.

O professor preceptor trouxe fatos importantes da vida da autora e as principais características do enredo das obras *A hora da estrela* e *A paixão segundo G. H.* Após a exposição dessas informações, realizou a competição de perguntas com os alunos que estavam participando da aula. O método utilizado pelo professor para a elaboração do jogo ocorreu do seguinte modo: após fazer uma afirmação incorreta sobre a vida ou uma das obras selecionadas da escritora, as(os) estudantes precisavam identificar o erro na informação e corrigi-lo. Seguindo o modelo Cebraspe de correção de questões, em que cada resposta errada anula uma questão correta, as(os) alunas(os) poderiam optar por responder ou pular a questão.

É importante ressaltar a qualidade do material utilizado, pois é perceptível o trabalho visual realizado para que se chame a atenção dos alunos e para que eles se sintam convidados a participarem da aula e a responderem as perguntas propostas pelo enigma. O *quiz* levantava perguntas relacionadas à vida da autora, como o lugar de seu nascimento, e também sobre as principais características relacionadas às principais obras da escritora, como “quais os principais personagens?” ou “qual o enredo da história?” – evidentemente, após o professor ter realizado uma apresentação sobre todos esses tópicos.

Os alunos se sentiram animados para participar do *quiz*, visto que ainda havia um prêmio em jogo, que só seria revelado ao final, com a divulgação do pódio. A participação foi positiva, muitos alunos responderam e foi possível verificar o aprendizado dos estudantes de forma prática e divertida. Ainda que o jogo tenha como característica a promoção da diversão, quando se têm bem definidos os objetivos específicos a serem alcançados, é possível utilizá-lo como meio de ensino. Nessa mesma aula foi abordada, a partir de questionamentos dos próprios alunos, a definição de romance como gênero literário. Essa dúvida surgiu exatamente devido à forma como a aula foi conduzida. A todo momento o professor citava obras diversas em sua explicação, como *Harry Potter*, *Dom Casmurro* e *Ulisses*, bem como mostrava alguns exemplares aos discentes e perguntava se eles conheciam ou já ouviram falar daquelas obras. Destacamos que o professor recebeu *feedbacks* positivos após aplicar a atividade. Os discentes elogiaram a proposta apresentada e o conteúdo; esse é um exemplo claro de ferramentas que podem ser utilizadas dentro de sala de aula.

## Para concluir

A partir das indagações realizadas para o norteamento desta pesquisa, dos dados levantados e da construção dos diários pibidianos, foi possível identificar as respostas para as perguntas feitas pelas pibidianas durante o processo de formação no programa institucional. Percebemos que a necessidade do ensino de língua portuguesa, principalmente do ensino literário, ultrapassa os mais diferentes contextos, entre eles o pandêmico,

pois, dentro de uma perspectiva da educação libertadora, inspirada em Paulo Freire e em bell hooks, a função da educação é capacitar os alunos para que eles exerçam seus papéis de cidadãos e habilitem-se para transformar a sua realidade e, conseqüentemente, a da comunidade na qual estão inseridos.

Assim, o ensino da leitura literária proporciona aos estudantes uma postura crítica diante do texto literário e do mundo, uma vez que a literatura apresenta ao sujeito leitor realidades possíveis, afetando-o direta e indiretamente. O professor de língua portuguesa, enquanto mediador, tem papel importante como aponta Rildo Cosson (2009, p. 30), pois

na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem.

Logo, faz-se necessário criar sequências didáticas que deem condições para que os alunos leiam as obras, mas é essencial instruí-los adequadamente para que nesse ato reconheçam a relação existente entre a estrutura presente nos distintos modos de composição e os múltiplos temas abordados nas narrativas e poemas para que façam uma análise crítica, pois somente a leitura pela leitura não é suficiente. Explica Cosson (2021, p. 87):

Além da prática pessoal da leitura e de seu compartilhamento em uma comunidade de leitores, essas atividades envolvem, ainda, dois procedimentos necessariamente irmanados: a leitura responsiva e a prática interpretativa. A leitura responsiva consiste no registro da “resposta” que a literatura suscita no leitor, podendo assumir as mais diversas formas e usar os mais diversos suportes, desde que nunca se perca ou obscurece o elo entre o texto e o leitor. A prática interpretativa, por sua vez, demanda uma sistematização e aprofundamento analítico dessa resposta, observando o texto, o contexto, o intertexto como objetos de leitura literária, objetos que postos em discussão desvelam as diversas camadas de sentido em que construímos a nós mesmos e ao mundo com palavras e apenas palavras – a linguagem simbólica a que chamamos literatura.

Ressaltamos dessa citação a qualidade que a leitura literária tem tanto de proporcionar um espaço de valorização do que foi chamado de resposta ao texto e que na prática envolve sentimentos, sensações, memórias, ideias que temos quando lemos quanto de aprofundar essas impressões em ato pedagógico intencional, com a organização do trabalho pedagógico considerando as demandas específicas, sem esquecer a importância da relação docente-discente, para mobilizar conhecimentos literários teóricos que sejam adequados para proporcionar um aprendizado mais denso dos elementos constitutivos da linguagem literária e da literatura, como expressão mais finamente acabada da expressão em português brasileiro.

Desse modo, cabe a nós, futuras professoras e futuros professores, estarmos atentos às metodologias de ensino que selecionamos e ao modo como conduzimos a nossa prática. A passagem da aula de literatura tradicional para o investimento na leitura literária é um processo que demanda inovação, criatividade e pesquisa. Lembrando que, ao promover a leitura literária de obras produzidas por diferentes autoras e autores, é preciso buscar apresentar aos discentes sistemas literários alternativos aos que, geralmente, são privilegiados no ensino. Sendo assim, cabe ao docente propiciar a leitura tanto de obras canônicas quanto populares e contemporâneas, uma vez que essa abertura favorece a atualização da expressão artística em português, bem como, conforme aponta a pesquisadora Luana Barossi (2017, p. 34), “[...] a própria criação no sentido ético, de novas maneiras de existir”.

Destarte, registrar o cotidiano docente e discente, por intermédio dos diários ou por meio de outras ferramentas de apoio, nos ajuda a refletir e a incrementar esse processo e também nos proporciona aguçar a nossa reflexão e sensibilidade que, por vezes, perde-se ao longo do processo mais duro de ensino-aprendizagem na realidade escolar. Por fim, não se pode esquecer que lidamos com o conhecimento e que somos responsáveis pelo nosso próprio processo de autoatualização e mediadores importantes no processo de formação dos(as) estudantes. Trabalhamos com pessoas, valores humanos, sonhos e visões de mundo, assim sendo, o empenho em despertar a consciência crítica e o sentimento do semelhante no outro, que não deve ser encarado com indiferença, é necessário para a constituição de uma sociedade mais justa. Dessa forma, ao longo do projeto, houve a construção e a percepção de uma formação continuada, registrada na forma de pesquisa constante e do diário para a continuidade e o aperfeiçoamento, dentro de diferentes contextos para o processo de ensino-aprendizagem da literatura em salas de aula do ensino básico brasileiro.

## Referências

ALMEIDA, Denise de; SACRAMENTO, Ana Rita Silva; RAUPP, Fabiano Maury. Os desafios das universidades federais diante dos constantes cortes orçamentários. In: *Cortes no orçamento das universidades federais: significados e efeitos*. Salvador: EAUFBFA. p. 8-12, 2021.

BAROSSO, Luana. (Po)éticas da escrivivência. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, p. 22-40, 2017.

BOEHM, Camila. Pesquisa mostra que estudantes negros foram mais afetados na pandemia. Alunos com menor renda têm situação pior. *Agência Brasil*, São Paulo, 2021, Educação. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-11/pesquisa-mostra-que-estudantes-negros-foram-mais-afetados-na-pandemia#:~:text=A%20pesquisa%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%20Presencial,de%20covid%2D19%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 21 jul. 2022.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2019.

COSSON, Rildo. O espaço da literatura na escola. In: PAIVA, Aparecida *et al.* *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: MEC-SEB, 2010.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. Ensino de Literatura: leitura literária e letramento literário: uma desambiguação. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, UFS, v. 35, p. 73-92, 2021.

Pesquisa Distrital por Amostras de Domicílios. São Sebastião. Brasília, Distrito Federal: CODEPLAN, 2019. Disponível em: <https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/S%C3%A3o-Sebasti%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2022.

FREIRE, Paulo. *Por uma pedagogia da pergunta*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LORDE, Audre. A poesia não é um luxo. In: LORDE, Audre. *Irmã Outsider: ensaios e conferências*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 45-49.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

# Sobre a autoria desta coletânea

---

**Amanda Marina Andrade Medeiros** – Doutora em Educação pela Universidade de Brasília. É professora da UnB, onde coordena o Programa Residência Pedagógica de Ciências Naturais (2020-2022).

**Amurabi Oliveira** – Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Livre Docente pela Universidade Estadual de Campinas. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisador do CNPq. Membro afiliado da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e da Global Young Academy (GYA).

**Ana Júlia Pedreira** – Doutora em Educação pela Universidade de Brasília. É professora da UnB, onde atuou como coordenadora institucional do Programa de Residência Pedagógica (2020-2022) e atua como Coordenadora do Projeto Residência Pedagógica Ciências Biológicas (2022-2024).

**André Vitor Fernandes dos Santos** – Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professor da Universidade de Brasília, onde atua na licenciatura em Ciências Naturais e coordena o Programa Residência Pedagógica de Ciências Naturais (2020-2024).

**Adriana de Fatima Alexandrino Lima Barbosa** – Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professora da Universidade de Brasília, onde atuou como coordenadora do Subprojeto Letras do Pibid (2020-2022).

**Delano Moody Simões da Silva** – Doutor em Ecologia pela Universidade de Brasília. É professor da mesma Universidade, onde atua com a formação de professores de Ciências.

**Eloisa Pilati** – Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. É professora da UnB, onde atua como Diretora de Planejamento e Acompanhamento das Licenciaturas.

**Felipe Canova Gonçalves** – Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília. Professor da UnB, atua na Licenciatura em Educação do Campo – Habilitação Linguagens, Artes e Literatura (Planaltina).

**Geovanna Helen Ribeiro Melo** – Graduada em Letras pela Universidade de Brasília. Foi bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência no subprojeto Letras na edição de 2020-2022.

**Jeane Cristina Gomes Rotta** – Doutora em Química pela Universidade de São Paulo. É professora da Universidade de Brasília, onde atua como professora do curso de Licenciatura em Ciências Naturais (Planaltina).

**João Batista Pereira de Queiroz** – É doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília. É professor da Universidade de Brasília, onde atua na Licenciatura em Educação do Campo (Planaltina).

**João Paulo Cunha de Menezes** – Doutor em Ciências pela Universidade Federal de Lavras. É professor da Universidade de Brasília, onde atua na licenciatura em Ciências Biológicas.

**Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva** – Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás. É professora da Universidade de Brasília, onde atuou como Coordenadora Institucional do Programa de Residência Pedagógica (PRP). Pesquisadora do CNPq.

**Kimiko Uchigasaki Pinheiro** – Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília. É professora da Universidade de Brasília, onde atua no curso de Licenciatura em Letras/Japonês.

**Marcelo Cigales** – Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor da Universidade de Brasília, onde atua como Coordenador do Laboratório de Ensino de Sociologia Lélia Gonzalez.

**Maria Rosália da Silva Rodrigues** – É licencianda em Letras Português e sua respectiva Literatura pela Universidade de Brasília. Foi bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência no subprojeto Letras na edição de 2020-2022.

**Samuel Molina Schnorr** – Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade de Brasília, onde atua como coordenador do subprojeto Biologia do Pibid (2022-2024).

**Shirleide Pereira da Silva Cruz** – Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. É professora da Universidade de Brasília, onde atua como coordenadora do Projeto do Pibid/Pedagogia.

**Yûki Mukai** – Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. É professor da Universidade de Brasília, onde atua como coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (2021-2023).

**Yuko Takano** – Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo. É professora da Universidade de Brasília, onde atua na formação de professores de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa.

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# AS LICENCIATURAS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

## Avanços, desafios e perspectivas

O livro reúne um conjunto de textos que evidenciam aspectos políticos, acadêmicos, científicos e educacionais sobre a formação de professores (as) na Universidade de Brasília (UnB). Historicamente as licenciaturas se constituíram como um espaço de menor prestígio no campo acadêmico brasileiro, mas nas últimas décadas, a institucionalização das Diretrizes Curriculares Nacionais da Formação de Professores, a regulamentação dos estágios obrigatórios supervisionados e o investimento das políticas educacionais voltadas a formação inicial de professores acarretaram mudanças significativas na forma de conceber esses cursos no país. Como instituição pioneira, a UnB vem se redesenhando institucionalmente para valorizar e dar visibilidade aos cursos de formação docente, tendo criado em 2021 uma Diretoria de Planejamento e Acompanhamento das Licenciaturas, vinculada ao Decanato de Ensino de Graduação. Além de abordar os aspectos históricos da gestão educacional, responsável por integrar os 24 cursos de licenciatura e suas 41 habilitações, a obra destaca alguns projetos desenvolvidos junto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e Programa de Residência Pedagógica (PRP), assim como da trajetória das licenciaturas de Ciências Naturais, Letras/Japonês e Educação do Campo. A obra é um convite para refletirmos sobre diferentes ângulos, os avanços, os desafios e as perspectivas dos cursos de formação de professores na UnB.

EDITORA



**UnB**

